

PSICANÁLISE E RELIGIÃO: ALGUMAS POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES

PSYCHOANALYSIS AND RELIGION: SOME POSSIBLE DIALOGUE

Renata Flecha*

Podemos observar que a religião é um aspecto sempre presente na história da humanidade, apresentando-se sob variadas formas, das mais primitivas às mais elaboradas. Ela tem sido assim, desde sempre, uma forma de se entender o mundo, embora tome feições variadas de acordo com momentos históricos específicos. Karen Armstrong demonstra em seu livro *Uma história de Deus* (1995), que Deus tem uma história e que quando uma ideia de Deus perde força e desaparece uma outra ideia de Deus substitui essa primeira.

Assim para compreender a relação do homem com o sagrado, precisamos, em primeiro lugar pensar um pouco na relação do próprio Freud com este tema. Freud realizou estudos culturais sobre as religiões romana, grega e egípcia e os estendeu, porém de forma mais superficial, às religiões da Índia e da China. De um modo geral, Freud possuía um conhecimento consistente sobre várias crenças religiosas.

Não há indícios que Freud tenha passado por fases religiosas diversas. Em uma determinada ocasião ele disse a Ernest Jones, seu amigo e que escreve uma das suas principais biografias, que não acreditava em um mundo sobrenatural. Freud era um homem que não necessitava emocionalmente do amparo de um ser superior, bastando-lhe, para lidar com a vida, aquilo que se oferecia de forma evidente no mundo da natureza.

Sua atenção voltava-se com maior intensidade para as fontes da religião judaica e cristã, pois estas lhe eram mais próximas. Em relação ao Judaísmo sua posição era de intolerância com os rituais e práticas, no entanto, valorizava seus ensinamentos éticos. Com relação ao Cristianismo, que segundo a sua visão era marcado por um sincretismo com as religiões pagãs, Freud julgava um retrocesso quando comparada ao Judaísmo. Na condição de judeu, seria natural de sua parte uma atitude marcada pelo preconceito, dada a história de perseguições promovidas pelo Cristianismo; no entanto, sua posição era de tolerância.

* Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ciência da Religião da PUC Minas. E-mail: rflecha@uai.com.br.

Os trabalhos de Freud sobre o tema religião são diversos e podemos destacar:

- *Atos obsessivos e práticas religiosas*, de 1907, texto no qual ele traçou um paralelo entre as cerimônias e rituais presentes na neurose obsessiva e na religião.
- *Totem e tabu*, de 1913, nele são analisados os primórdios das crenças religiosas por meio do estudo de tribos que instituem restrições e as impõem a seus membros.
- *Futuro de uma ilusão*, de 1927, Freud vê a religião como algo que será substituído pela ciência. Esse embate entre religião e ciência será retomado na “Conferência XXXV: A questão de uma visão de mundo”, de 1933.
- *O mal-estar na civilização*, de 1930, tratará a religião como uma das saídas para o sofrimento do homem na cultura.
- *Moisés e o monoteísmo*, de 1939, aborda as características do monoteísmo e do povo judeu a partir da figura de Moisés.

Nesses textos encontramos um percurso que se caracteriza, a princípio, pela preocupação com a fundação da religião e da civilização. Usando como referência uma tribo aborígene australiana, atrasada e miserável, Freud destacará os aspectos da instauração de totens e tabus. Abordará também o mito do assassinato do pai primevo pelos filhos revoltados, e o sentimento de culpa que daí se origina e o estabelecimento do complexo de Édipo universal.

Assim, utilizando como referência o texto *Totem e tabu*, observamos que estes povos australianos tinham uma religião totêmica e o totem, que é uma especificidade do grupo ou clã, pode variar. Em geral, ele é um animal ou, mais raramente, um vegetal ou um fenômeno natural. O animal pode ser comível e inofensivo, ou perigoso e temido. Se o totem é um fenômeno natural, pode ser tanto a chuva quanto a água. O lugar que o totem ocupa é de um antepassado comum ao clã. Ele pode se mostrar amistoso ou inamistoso. Para os membros do clã ele é um guardião, sendo que para os de fora o mesmo não acontece. Para Freud, “o totem reconhece e poupa os seus próprios filhos”. A partir desse lugar ocupado pelo totem, os membros do clã são proibidos de matá-lo ou de destruí-lo. De tempos em tempos, há a celebração de festivais, onde se “representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais”.

Um outro aspecto do totem deve ainda ser destacado: ele não está vinculado a nenhum lugar específico. Diferentes clãs com diferentes totens podem conviver pacificamente. Um

aspecto lhes é comum: todos estes clãs adotam a exogamia, instituição que proíbe relações sexuais entre os membros de um mesmo clã.

Os aborígenes australianos têm horror ao incesto, que deve ser constantemente evitado. Para assegurar a não transgressão do tabu, tornam-se necessários certos “costumes”, que tem como função regular as relações entre os sujeitos e seus parentes próximos. Tais costumes denominados “evitações”, são marcados por uma severidade religiosa.

O horror ao incesto instaura a presença de tabus. O tabu é um termo de origem polinésia, para o qual é difícil uma tradução, dado que não se possui mais sua conotação original. A palavra tabu remete a dois significados: por um lado, significa “sagrado”, “consagrado” e, por outro “misterioso”, “perigoso”, “proibido” ou “impuro”.

O tabu pode ser também compreendido como sendo um código de leis não escrito. Ele impõe uma proibição que é aceita e obedecida sem questionamentos, cuja transgressão é imediatamente punida.

Os tabus podem ser permanentes ou temporários. Os permanentes estão vinculados a chefes, sacerdotes, como também aos mortos e as coisas que lhes pertenceram; os temporários, por outro lado, encontram-se ligados a certos estados particulares, como por exemplo, a menstruação e o parto.

O tabu, para Freud, não é considerado como algo estranho. Ele observou que certos indivíduos criam para si próprios proibições que muito se assemelham às encontradas em tribos primitivas. Se já não tivesse denominado tais sujeitos de “obsessivos”, a “doença do tabu” seria uma forma correta de expressar tal condição. É, portanto, possível estabelecer um paralelo entre as proibições presentes na neurose obsessiva e aquelas encontradas em diversas tribos. Tanto as proibições do tabu como as da neurose obsessiva caracterizam-se por:

1. Uma ausência de motivos: ambas têm um certo mistério em suas origens. Desse modo, não é necessário que haja uma ameaça de origem externa. Tal função é cumprida internamente através de uma certeza moral, capaz de garantir que sua violação terá como consequência imediata algum tipo de punição. No caso dos neuróticos obsessivos, há uma sensação indefinida de que uma pessoa próxima poderá ser atingida como resultado da violação operada. Um detalhe importante: nada se sabe sobre a natureza desse mal.
2. Ênfase na proibição do toque (fobia de contato). Tal proibição não se refere apenas a um contato de ordem imediata, mas se relaciona com o emprego da expressão “entrar em contato com”. A qualquer coisa que tenha vinculação com o objeto proibido,

mesmo que seja de ordem intelectual, é atribuído o mesmo grau de proibição do contato físico imediato.

3. A finalidade da proibição pode ser imediatamente compreendida em seu sentido, gerando a instituição de cerimônias.
4. A ocorrência de um deslocamento: qualquer objeto pode transformar-se em tabu, em caso de violação deste.
5. As renúncias e proibições podem ser desfeitas por meio de outras ações, chamadas de contra-ações, que também tomam o caráter de obrigação.

As proibições tanto nos tabus, quanto nas neuroses obsessivas recaem em algo que é objeto do desejo. Isto quer dizer que onde há proibição e porque há também a presença de um desejo de ordem inconsciente.

Foi dito anteriormente que os aborígenes australianos tinham horror ao incesto, tomando como referência esta premissa Freud utiliza-se, para explicar tal horror, das ideias evolucionistas de Darwin fazendo uma leitura psicanalítica das mesmas. Na horda primeva de Darwin temos um pai ciumento que detém a posse de todas as fêmeas, expulsando os filhos à medida que estes crescem (é importante ressaltar que esse estado de sociedade, marcada pelo primitivismo, nunca foi possível de ser observado diretamente). Esses filhos expulsos pelo pai tirânico resolveram certo dia se unir, retornar e promover o assassinato do pai, devorando-o em seguida. Através da ingestão do temido e invejado pai primevo, os filhos realizavam a identificação com ele, adquirindo, assim uma porção de sua força. Quando se retoma o processo ocorrido na horda primeva, verifica-se que os irmãos, apesar de terem-se unido para vencer o pai, eram também rivais entre si no tocante às mulheres. Cada um deles queria ter todas as mulheres para si próprio, como anteriormente o pai tivera, e, se esse desejo continuasse, ter-se-ia aqui uma nova cena: a luta de todos contra todos para ocupar o lugar do pai. Para possibilitar a continuidade da convivência em comum, tornou-se necessária, então, a instituição de uma lei que barraria o incesto: todos de forma igualitária renunciariam às mulheres (objeto de desejo) que tinham sido a razão para o movimento de extermínio do pai. Assim o pai é erigido à condição de totem e as mulheres marcadas pelo tabu.

Temos aqui a criação de características que passaram a fazer parte de grande maioria das religiões. A religião totêmica tem sua origem no sentimento filial de culpa e sua função se relaciona com a tentativa de diminuir tal sentimento. As religiões que surgiram posteriormente também se debatem com as mesmas questões, sofrendo variações de acordo com o momento do processo civilizatório, ai também instaurado.

Após o assassinato do pai, os irmãos se aliaram e promulgaram regras que constituíram, por assim dizer, um “protocódigo” do Direito, no qual o poder do indivíduo é substituído pelo poder da comunidade. A vida em comum só é possível quando existem relações que regulam lugares sociais, obrigações, direitos e deveres.

Para Freud, civilização atrela-se a um somatório de realizações técnicas obtidas e das regras que regulam a vida em comum, que estabelecem a distinção entre a vida atual dos indivíduos e a dos animais ancestrais. Assim a civilização tem uma dupla função: proteger os homens contra os perigos da natureza e regular a relação dos mesmos homens entre si. A relação entre o homem e a civilização, entretanto, não ocorre sem tensões, pois há um constante antagonismo entre aquilo que os sujeitos desejam e as restrições impostas pela vida em comum.

Do ponto de vista das exigências pulsionais presentes nos sujeitos, Freud observa que a vida é árdua, sendo marcada por sofrimentos e desprazeres e que para suportá-la é necessário adotar medidas paliativas.

O propósito da vida encontra-se vinculado à obtenção de felicidade. Esse fim é comumente entendido como um lugar estável a ser conquistado de forma definitiva. Porém, para a Psicanálise, a felicidade será entendida como oriunda da satisfação, e de preferência repentina, de determinadas necessidades que se encontram represadas. Essa satisfação será necessariamente episódica, já que qualquer prolongamento desejado pelo princípio do prazer ou traz um contentamento tênue ou transforma-se em desprazer, ou ainda nas palavras de Goethe citado por Freud “nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos”.

Além da experiência de felicidade ser mais difícil de experimentar, o sofrimento encontra-se mais presente e pronto a se manifestar. Essa manifestação pode originar-se do próprio corpo, em seu percurso constante em direção ao envelhecimento e à morte; da natureza, que pode tomar vultos de destruição em qualquer momento, ou ainda, da relação estabelecida entre os homens. O homem é assim colocado frente a três situações fundamentais de impotência. Da relação estabelecida entre os homens provém, segundo Freud, a impotência mais penosa.

Frente a este estado de coisas, a religião se revela como uma saída, ao mesmo tempo em que funciona restringindo a escolha e a adaptação, na medida em que impõe um caminho único para aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento.

Os efeitos da religião podem ser melhor observados naquela que é considerada a terceira fonte de sofrimento: a relação que se estabelece entre os homens. A civilização exige

dos homens a renúncia à sexualidade e à agressividade. As restrições impostas à vida sexual são aquelas que as pessoas tidas como neuróticas não podem suportar.

A satisfação libidinal impediria que a civilização criasse vínculos mais amplos e que se estabelecesse em forma de comunidades. Para melhor entender esse tipo de vínculo, Freud cita um ideal perseguido pela civilização “amarás a teu próximo como a ti mesmo”. A tentativa de por em prática esse ideal encontra inúmeras dificuldades, pois situaria em mesmo plano amigos e inimigos. Um estranho não só se apresenta como alguém que não é digno de amor, mas alguém que é objeto da hostilidade e do ódio. A advertência feita por Freud pode ser considerada severa: trata-se aqui de uma pulsão que visa à destruição, e que, perpassando todas as atividades humanas, se expressa em formas tais como a exploração do trabalho do homem por outro homem, ou em condutas associadas, como a tortura e o assassinato. Freud destaca no texto “O mal-estar na civilização” que “os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade”, ou ainda que o “homem é o lobo do homem”.

Essa feição da pulsão de morte, como inata inclinação para a agressão, é permanente entre os homens, o que os obriga a esforços constantes no sentido de inibi-la e enfraquecê-la. Justificam-se assim estratégias tais como o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo.

Contudo, uma constante pressão coibidora externa não é o bastante. Há ainda a necessidade de um solo interno onde essa interdição possa estar calcada. Torna-se essencial a introjeção, a internalização ou o reenvio para a sua origem: o eu. Esta operação será possível através do sentimento de culpa que se fará presente.

Mas quando se manifesta o sentimento de culpa? A resposta a essa questão é polêmica. De forma geral, entende-se que o sujeito se sente culpado ou é um pecador quando fez algo considerado “mau”. Mas, é a relatividade da concepção de “mau” que reside o problema. O “mau” pode ser compreendido como tudo aquilo que possa significar a perda do amor, deixando o sujeito desamparado e desprotegido em face de uma série de perigos, devendo por isso ser evitado. O mais importante é que, após a instauração de uma instância interna, não será apenas a ação má que poderá ser punida, mas também a mera intenção.

É através do estabelecimento de uma autoridade interna – o supereu – que se podem apagar as distâncias entre a intenção e o ato de fazer algo mau: nada foge à vigilância dessa instância. Duas são, portanto, as origens do sentimento de culpa, uma proveniente de uma

autoridade situada externamente, e a outra, que advém de medo do supereu, estabelecida posteriormente.

Freud assinala que podemos fazer analogias entre o desenvolvimento do sujeito e o da civilização: em ambos observa-se o desenvolvimento de um supereu. No caso do indivíduo, encontra-se em uma instância herdeira do Édipo, que coíbe as tendências agressivas. O mesmo pode ser verificado no interior da civilização: o denominado supereu coletivo que se sustenta nas impressões deixadas no psiquismo pelos grandes homens, a exemplo de Cristo, que também desenvolveu exigências e ideal. Assim, torna-se possível pensar que as exigências do supereu individual têm uma certa coincidência com as do supereu cultural. Tais prescrições, ligadas a uma moral de caráter imperativo, impõem aos indivíduos, inseridos na cultura, um constante descontentamento e mal-estar, para o qual não se encontra cura.

Os conhecimentos adquiridos e acumulados como resultado dos avanços da ciência visam proporcionar o domínio sobre a natureza, a fim de extrair daí riqueza e poder, e também tem o intuito de propiciar conforto a partir da resolução de problemas. Apesar de todo o caminho percorrido, uma cota de mal-estar ainda permanece. A civilização e suas conquistas impõem um pesado fardo de renúncias pulsionais aos homens que nela se encontram inseridos. Ela necessita ser protegida, e essa proteção é obtida através de leis, regulamentos e instituições diversas. Segundo Freud, as criações humanas são extremamente frágeis, podendo ser destruídas com facilidade; a ciência e a tecnologia que as construíram podem também ser utilizadas para sua destruição.

A vida é, assim, algo difícil de se suportar. Primeiro porque a civilização para ser mantida, impõe restrições à satisfação pulsional. Em segundo lugar, porque não se tem controle total sobre a natureza (chamada também de destino). Frente às restrições da civilização, o homem reage com hostilidade, porém sua forma de reação aos poderes superiores da natureza, do destino, é uma incógnita.

Para elucidar melhor esse ponto, foi necessário compreender a condição de desamparo primordial do homem, e, junto, o seu anseio pelo pai e pelos deuses. Os deuses são aqueles que irão desempenhar uma tripla tarefa: “exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impõe” (FREUD, 1930, p. 67).

As ideias de cunho religioso são entendidas e consideradas em alta conta, como um precioso bem que a civilização oferece a seus membros e que tem a função de tornar a vida

mais tolerável. Elas servem a uma necessidade de proteção contra a força superior que a natureza possui e de retificação das deficiências da civilização. Freud afirma que a civilização já fornece tais ideias a cada membro que dela participa, uma herança de muitas gerações. O ideário religioso é geralmente apresentado como uma revelação divina, sugerindo uma desvinculação do aspecto histórico que contextualizaria tais ideias.

Na Conferência XXXV, *A questão de uma visão de mundo* (1933), Freud caracteriza a religião como sendo detentora de grande poder e manipuladora de emoções consideradas fortes. Houve tempos em que ela ocupava um lugar intelectual, assumindo o papel da ciência (que ainda não existia), e representava uma visão de mundo coerente e autossuficiente. A religião se propõe hoje a responder aos homens questões relacionadas à origem e à existência do universo, oferecer-lhes proteção e conforto em todos os momentos da vida, dirigindo seus pensamentos e ações.

A religião é capaz de preencher três funções básicas. A primeira é a de satisfazer o desejo de conhecimento humano, no que coincide com os objetivos da ciência, embora entre em confronto com ela. A segunda é oferecer ao sujeito meios de lidar com as vicissitudes da vida, garantindo felicidade e conforto diante dos infortúnios. Nessa segunda função, ela exerce o seu maior poder de influência, ficando em posição de vantagem com relação à ciência.

A terceira e última função da religião é a de instaurar proibições e limites. Nesse aspecto, ela vai além da ciência, pois esta trabalha com a investigação e estabelecimento de fatos, e de tal trabalho podem até resultar formas de se conduzir na vida. Segundo Freud, apesar de poder haver coincidência entre as normas estabelecidas pela religião e pela ciência, os motivos subjacentes a cada uma são singulares.

Freud defende ainda que a ciência é jovem e que apesar de mostrar uma certa lentidão, faz um esforço para contrapor àquilo que é da ordem da revelação. O trabalho científico pode ser, em certa medida, comparado com o trabalho da análise, no que diz respeito às novidades encontradas que se articularão posteriormente.

Para tratar a questão da origem, força e eficácia das ideias religiosas, Freud propõe um deslocamento da atenção para o aspecto psíquico. As ideias religiosas, entendidas como ensinamentos, não se apresentam como resultado da experiência ou do pensamento. São ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. Sua força reside, então, na força desses desejos. É retomada a questão do desamparo primordial, presente na infância, responsável pelos movimentos em busca de proteção obtida pelo amor

proporcionado pelo pai. Para Freud, o sentimento de desamparo é algo que se apresentará pelo resto da vida, tornando necessário ao sujeito ligar-se, com veemência, à existência de um pai, porém agora caracterizado por um poder maior.

Para Freud, as doutrinas religiosas possuem caráter ilusório e não são passíveis de comprovação, o que as torna incompatíveis com tudo o que foi descoberto pela via de um trabalho científico. Guardando as devidas proporções, é possível aproximar as ideias religiosas de um delírio, e a colocação em cena de que o conhecimento científico é a “única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos”. (FREUD, 1927, p. 45).

Freud admite a possibilidade de que uma educação isenta do peso da religião não vai, necessariamente, operar mudanças naquilo que seria chamado de natureza psicológica do homem. Ele defende a crença de que o trabalho científico é capaz de possibilitar um “certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida”. Essa posição, segundo ele, também pode ser entendida como uma ilusão, mas a ciência já deu comprovações que marcam seu lugar como um lugar distante da ilusão. A ciência não é uma ilusão, a ilusão estaria, sim, na crença de encontrar em qualquer outro lugar aquilo que a ciência não pode oferecer.

Para a Psicanálise, o lugar do pai é de grande importância, pois é através dele que se encontra o próprio princípio da civilização. Freud sempre afirmou a universalidade dos desejos edípicos, os quais perpassam as diversas culturas e tempos históricos, impondo a todos os humanos a dura tarefa de superar esse estágio. A resolução edípica é um momento decisivo, no qual se tem o ápice da sexualidade infantil e no qual se estruturará o futuro do sujeito. A significação do Édipo não deve e não pode ser reduzida ao conflito de ordem imaginária, pois a passagem por esse momento possibilita também a formação do supereu, na qual Freud destaca a fonte da moral e da religião.

O pai é aquele que vem interromper o idílio da relação entre mãe e criança, ele vem instaurar uma lei, uma proibição: não é possível nem à mãe e nem à criança ficarem eternamente nessa mônada narcísica.

Historicamente, o lugar do pai teria sua origem no “mito científico” de *Totem e tabu* (1913). Nele, temos a presença de um pai todo poderoso e senhor de todas as mulheres, que restringe aos filhos qualquer aproximação destas. Perante tal proibição, os filhos revoltados matam e comem o pai, mas são imediatamente abatidos por uma culpa terrível. Na refeição canibalesca realizada, há a incorporação do poder do pai e, também, a extinção, por

intermédio de um pacto, da violência e rivalidade existente entre os homens em torno da propriedade das mulheres. Esse pai primitivo é idealizado e tornado mais forte depois de morto, garantindo o pacto entre os irmãos, de que todos têm o direito ao exercício da sexualidade dentro dos limites impostos pela regra comum. Pode-se destacar aqui o nascimento da lei edipiana, que organiza a filiação em torno do proibido e do desejo, daquilo que atrai, mas é também temido.

O pai, depois de ter sido assassinado, deixa atrás de si dois tabus: o incesto e o parricídio, sendo que estes podem ser relacionados ao totemismo como uma primeira religião. No totemismo, há um animal que será adorado e cuja vida deve ser preservada. Esse animal ocuparia o lugar de um substituto do pai e nele se deposita tudo aquilo que se esperava de um pai: proteção, cuidado e indulgência.

Temos aqui características que são encontradas em várias formas religiosas e em torno das quais elas se debatem. A religião totêmica origina-se no sentimento filial de culpa, sendo sua função tentar diminuir tal sentimento, fazendo as pazes com o pai através de uma obediência tardia.

O mito da horda primeva refaz a passagem da natureza à cultura, graças à qual os humanos se distinguem, para sempre, dos animais. O assassinato do pai primordial funda a civilização, introduzindo o homem no mundo da culpabilização, da renúncia, cedendo lugar, posteriormente, ao pai edipiano, que também se curva diante da própria lei que enuncia.

A civilização fundada dessa maneira oferece aos homens proteção contra os perigos da natureza e regula as relações sociais. No entanto, os benefícios (conforto, riqueza, ordem, produções intelectuais etc.) trazidos por ela não promovem o bem-estar e a felicidade. Ao contrário, lançam o homem em uma vida marcada por sofrimentos e desprazeres. Para suportar a miséria humana atribuída à vida em comum, o homem buscará saídas, uma das quais será a religião.

A religião, por intermédio da técnica de desvalorização da vida e da deformação do mundo, impõe uma restrição à inteligência, que promove um estado de infantilismo psicológico. Essa técnica pode, segundo Freud, poupar muitos homens de uma neurose individual, mas mesmo assim a felicidade, ainda que prometida, não será encontrada.

A religião também é uma grande auxiliar na organização das relações sociais entre os homens, impondo que haja entre eles um amor incondicional, nos moldes do amor a si próprio. Essa imposição teria como objetivo inibir a agressividade presente na constituição psíquica humana, na medida em que esta é um aspecto da pulsão de morte.

Mas não basta que as exigências sejam feitas para que sejam cumpridas. É necessário haver uma base interna para sua ancoragem e essa base será oferecida pela instauração de uma instância psíquica denominada supereu, herdeira direta do Complexo de Édipo, que traz em si a marca internalizada da lei do pai.

A construção da ciência é um dos resultados do percurso realizado pela civilização. Os avanços da ciência servem para que os homens possam obter poder e prestígio, atenuando o mal-estar sempre presente, mas também trazem problemas anteriormente inexistentes. A ciência possibilita uma visão de mundo própria e se sustenta pela uniformidade na compreensão e explicação do universo, mas também tem seus limites e não reconhece outras formas de conhecimento tais como a revelação, a intuição ou a adivinhação.

A religião é, sem dúvida, um forte oponente a essa forma de compreensão de mundo. Dotada de poder, ela trabalha com fortes emoções, oferecendo aos homens conhecimento sobre a sua origem e destino, bem como proteção e conforto diante dos infortúnios da vida, e direcionando seus pensamentos e ações para compensar os sofrimentos e privações que a vida em civilização impõe.

Todos esses benefícios oferecidos pela religião se encontram articulados a um lugar central: o pai. Por um lado, o pai é aquele que criou o universo e protege seus “filhos”; por outro, é o que participa da obra de criação da criança, protege-a contra os perigos do mundo e ensina-lhe o que pode e não pode fazer. Essa função de proteção permanece ao longo da vida, dado que a condição de desamparo, apesar de sofrer modificações, não desaparece por completo. Em ambas as situações, observamos a presença de um “super-homem idealizado”.

A crença em Deus e os sistemas religiosos que daí advém encontram sua origem na infância, na condição de desamparo. A criança encontra o primeiro lugar de proteção na mãe, porém tal lugar não é reservado a ela para todo o sempre: a mãe será, um dia, substituída pelo pai. A relação que se estabelecerá entre pai e filho será caracterizada por sentimentos de ambivalência: o pai apresenta-se como uma ameaça ao filho, mas também é admirado. Nos sistemas religiosos, podemos observar uma situação análoga: a necessidade de proteção diante das vicissitudes da vida faz com que os homens idealizem deuses onipotentes com os quais se relacionam de forma também ambivalente. O segredo e a força de tais ideias religiosas são encontrados na realização dos desejos mais antigos e fortes da humanidade.

Cada homem sente em si a nostalgia do amor pelo pai, pelo onipotente. Esse é um sentimento que realiza a defesa contra a sua própria impotência. Trata-se de um movimento constante para repor a própria vida nas mãos de uma imagem revestida de um poder

totalizante, visando assegurar sua salvação. As ideias dos sistemas religiosos provocam o desaparecimento do trabalho de pensamento, no qual se inclui a dúvida, a incerteza e as respostas temporárias. A crença é sempre um ponto de chegada dogmático e definitivo.

Nos primeiros sistemas religiosos, verificava-se a relação dos homens com animais divinizados, os quais, posteriormente, cederam lugar a deuses humanizados. Ao longo da história da humanidade, algumas dessas relações foram sendo abandonadas, politeísmos foram substituídos por monoteísmos, o que propiciou à civilização ocidental a sua fisionomia e características específicas.

A religião tem uma função dentro da civilização: domar e redirecionar as pulsões consideradas como associadas. Isso só se torna possível a partir da instauração interna da lei do pai decorrente do Complexo de Édipo. O pai abandonado, em virtude da ameaça de castração, é reencontrado no pai da religião, porém com maior poder e grandeza. Se o caminho para entender esse percurso assim se apresenta, fica então uma questão final: se os homens fossem capazes de simbolicamente matar o pai, aceitando a referência paterna, deixariam de ser máquinas de fabricar deuses?